

**Os excluídos da Escola Sem Nome:
análise do filme *Beyond the Blackboard***

***The excluded from School with no name:
analyses of Beyond the Blackboard film***

Michelli Acosta CRESPI¹
Ana Paula Domingos BALADELI²

Resumo

O objetivo deste estudo é analisar o papel da cultura na prática pedagógica da protagonista do filme *Beyond the Blackboard* - Além da sala de aula (2011). Para a realização da pesquisa bibliográfica consultamos estudos de (BALADELI; COSTA, 2021; PENHA; ALBUQUERQUE, 2020; CHAMPANGNATTE, 2016; FERREIRA, 2009), e fundamentamos nossa análise no conceito de cultura abordado por Bourdieu (2003) e Vygotsky (2007). A análise indicou que o cinema é uma fonte potencial de estereótipos e imaginários sociais idealizados, retratando professoras como heroínas e missionárias. Tais estereótipos assumem a vocação como condição para o desempenho da função desvinculando-a de sua dimensão científica. Os resultados indicaram que a professora Stacey Bess representa a cultura erudita, ao passo que os estudantes da *Escola Sem Nome* figuram como excluídos tanto de um sistema social quanto cultural, que os privam de compartilharem seus próprios significados e repertórios culturais.

Palavras-chave: Narrativas fílmicas. Docência. Cultura.

Abstract

The aim of this study is to analyze the role of the culture on the pedagogic practice of the main character of the movie *Beyond the Blackboard* (2011). For the purpose of bibliographic research we based on studies of (BALADELI; COSTA, 2021; PENHA; ALBUQUERQUE, 2020; CHAMPANGNATTE, 2016; FERREIRA, 2009), and we founded or analysis on the concept of culture approached by Bourdieu (2003) and Vygotsky (2007). The analysis indicated that the cinema is a potencial source of stereotypes and idealized social imaginaries, portraying teachers as heroines and missionaries. Such stereotypes assume vocation as a condition for the performance of the function, detaching it from its scientific dimension. The results indicated that teacher Stacey Bess represents the erudite culture, while the students of the *School With No Name* figure as the excluded of a social and cultural system that deprive them of sharing their own cultural repertoires.

Keywords: Filmic narratives. Teaching. Culture.

¹Graduanda em História (licenciatura) pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). Bolsista de Iniciação Científica. E-mail: michellicrespim2002@gmail.com

²Doutora em Letras. Professora no Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História (ILAACH) da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). E-mail: annapdomingos@yahoo.com.br

Introdução

O tema da docência é pertinente aos estudos científicos no campo da educação, sobretudo no que se refere ao modo como os professores são descaracterizados de seu perfil profissional. Isso ocorre inclusive nos filmes *hollywoodianos*, em que se explora apenas a faceta da moral e não a profissional da docência. Historicamente, a profissão de professor tem sido modificada em razão de condicionantes históricas, econômicas e também culturais, razão pela qual a escola pode assumir maior ou menor protagonismo na sociedade.

Ferreira (2009), em seu artigo “Professores e professoras nos filmes, história e papéis sociais”, defende que os filmes que tratam sobre as relações dentro da sala de aula costumam tratar mais de comportamentos subjetivos, de forma simplificada do que explorar aspectos didáticos e metodológicos. Com isso, aspectos mais técnicos da rotina da profissão, bem como a relação entre os estudantes e o impacto da escola em suas realidades materiais são pouco explorados, evidenciando que o foco do enredo é retratar o aspecto comportamental de estudantes e professores.

Este artigo tem como objetivo analisar o papel da cultura na prática pedagógica da protagonista do filme *Beyond the Blackboard* (2011). Por meio de uma pesquisa bibliográfica, o filme *Além da Sala de Aula (Beyond the Blackboard)* é um filme de 2011, baseado em fatos reais, estrelado por Emily VanCamp, que narra a trajetória de uma jovem professora que é encarregada de uma sala de aula nada convencional e que em nada se assemelha às suas expectativas iniciais de carreira.

Os filmes tratam sobre determinados comportamentos e como moldá-los de acordo com o sistema liberal vigente em que figuram obras produzidas com estes propósitos da manutenção do *status quo* das classes privilegiadas. Em contrapartida, há o destaque para o desajuste de estudantes de escolas periféricas e a necessidade de mudança de comportamentos na lógica do sistema, dado que ocorre somente com a atuação de um professor ou professora.

A docência em filmes sobre escola é retratada de forma superficial, ignorando a pedagogia que deveria ser aplicada em sala de aula, dando lugar a embates entre professores e estudantes, professores e direção e, entre os próprios estudantes. Com isso, não é difícil identificar em diferentes filmes sobre o tema a superficialidade com que tratam o aspecto pedagógico, descaracterizando o trabalho intelectual e político do

professor e, em seu lugar, enfatizando um discurso idealista e romantizado. Nestas condições, ainda que arte e técnica, o cinema não abandona seu valor de entretenimento, que de forma mais ou menos direta sugere uma forma de representação da realidade, que na condição de discurso não neutro, está balizado em um conjunto de valores, crenças e ideologias (TRIER, 2001).

A escola retratada por *Hollywood* é uma escola construída sob perspectivas extremas e dicotômicas, professores idealistas, estudantes desmotivados, cultura escolar *versus* cultura popular. O público-alvo de tais produções, muitas vezes é o próprio professor, como no filme brasileiro *Verônica* (2009), obra que teve a exibição exclusiva de pré-estreia para professores da rede pública da cidade do Rio de Janeiro (CHAMPANGNATTE, 2016).

O presente artigo está organizado em 3 seções. Em “cultura e linguagem no desenvolvimento do sujeito”, trataremos de como o sujeito histórico-cultural, a partir das percepções de Vygotsky, se relaciona com o mundo a sua volta, e como o conceito de capital cultural, de Bourdieu, pode ser aplicado nas narrativas fílmicas. Abordamos o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal de Vygotsky em “O papel da interação na aprendizagem”, como uma alternativa à prática docente pouco democrática apresentada no filme. Em “Sobre o que trata o enredo de *Beyond the Blackboard*”, apresentamos a trajetória da professora Stacey em uma escola improvisada. Por fim, em “A cultura na prática pedagógica”, analisaremos como a cultura erudita da obra enfraquece a cultura popular da *Escola sem nome*.

Cultura e linguagem na educação

Lucci (2006), com base na teoria de Lev Vygotsky, aborda o conceito de mediação na formação do sujeito histórico-cultural, este que interage com o ambiente que o circunda, construindo e tendo como resultados representações simbólicas de forma indireta sobre si e sobre o mundo. Logo, ao abordarmos o contexto da escola, o estudante se relaciona com a cultura escolar por meio da linguagem, esta que atua como importante produção histórico-cultural na formação das funções psicológicas superiores.

Por sua origem na História Humana, a linguagem para Lucci (2006) exerce papel simbólico na estruturação dos signos, e por meio destes é possível classificar, qualificar e relacionar elementos materiais e imateriais disponíveis na sociedade. Como ferramenta

qualitativa permite que o sujeito interaja com o meio imediato ou mesmo ausente, sendo capaz de analisar as principais qualidades de um determinado objeto ou sentimento. Além disso, permite que seja capaz de se comunicar, o que inclui elementos culturais que acompanharam o homem e a mulher ao longo de toda História Humana. Sendo assim, a formação do sujeito histórico-cultural possibilita que se relacione com o mundo externo de forma mais estreita, através deste sistema de mediação simbólica.

Segundo Lucci (2006):

Essa interiorização não é simplesmente a transferência de uma atividade externa para um plano interno, mas é o processo no qual esse interno é formado. Ela constitui um processo que não segue um curso único, universal e independente do desenvolvimento cultural. O que nós interiorizamos são os modos históricos e culturalmente organizados de operar com as informações do meio. (LUCCI, 2006, p. 8).

Tanto Bourdieu (2003) quanto Vygotsky (2007) contribuem para a presente análise visto que abordam o lugar da cultura no desenvolvimento dos sujeitos. As contribuições desta teoria vygotskyana para a prática docente favorecem na problematização sobre o papel do professor, que de forma intencional e planejada, promove o acesso dos estudantes a repertórios culturais de diferentes campos do conhecimento.

Em “A Pedagogia histórico-crítica”, Dermeval Saviani (2014) discorre sobre a situação da escola, especificamente a pública, no contexto da sociedade capitalista. Longe de apresentar-se como ileso às influências do Estado. A escola, na condição de instituição, pode atuar na manutenção da lógica burguesa. Em outras palavras, o Estado não contribui com ideias revolucionárias - que são perigosas para manter a ordem vigente, ao contrário, fornece mais elementos para sua permanência junto à classe burguesa, com a ajuda de cursos técnicos, por exemplo, em que a classe trabalhadora é coagida a inovar para o Estado (mas nunca para revolucionar), concluindo que: “a escola só pode estar a serviço do capital” (SAVIANI, 2014, p. 17).

De acordo com Bourdieu (2003), o tipo de educação praticada dentro de sala de aula pelos professores tem como uma de suas características o tratamento equânime de todos os estudantes, ignorando suas particularidades, o que corrobora para a conservação social. Ainda segundo o autor, para a escola resolver esse problema ela deve: “desempenhar a função que lhe cabe, de fato e de direito, ou seja, a de desenvolver em todos os membros da sociedade, sem distinção, a aptidão para as práticas culturais que a

sociedade considera com as mais nobres” (BOURDIEU, 2003, p. 62).

A escola, portanto, potencializa a desigualdade social quando se mostra alinhada a um propósito neoliberal e, portanto, excludente. O mesmo ocorre com a cultura que pode representar valores diferentes gerando alguma forma de desigualdade, sobretudo no espaço escolar, onde se valoriza o capital cultural da burguesia. Nesse sentido, Bourdieu (2003) afirma que a questão do privilégio cultural é mais facilmente vista em algumas ocasiões, como a quantidade de informações acumuladas ao longo das trajetórias de vida escolar. Isso quer dizer que a família de cada estudante deixará de herança um determinado capital cultural que será transmitido também um sistema de valores, um *ethos*. Este *ethos* terá impacto na relação que o sujeito histórico, no caso o estudante, estabelece com a cultura erudita e a cultura escolar.

O papel da mediação na aprendizagem

Lev Vygotsky (1896-1934), psicólogo que contribuiu com os estudos na área de educação, propõe a partir da perspectiva materialista conceitos sobre aprendizagem, desenvolvimento e cultura. É caro ao presente estudo a contribuição de Vygotsky sobre cultura e sua contribuição como ferramenta na formação do ser humano, ou seja, a cultura como resultado da ação do homem (VYGOTSKY, 2007). Dessa forma, os efeitos da existência histórica e social estão relacionados com o ser biológico e histórico social, resultado da elaboração de conceitos mediados por signos presentes na sociedade. Além disso, a cultura como produção da ação humana embasa e define as chamadas funções psicológicas básicas, transformando-as em funções psicológicas superiores à medida em que o homem realiza interações com o meio e consolida o processo de internalização.

Na Teoria Histórico-Cultural de Vygotsky, a mediação realizada por um adulto e/ou professor favorece que a criança consiga construir conceitos. A essa diferença entre o que ela consegue fazer sozinha e o que precisa de mediação é denominada de Zona de Desenvolvimento Proximal - ZDP.

É a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes (VYGOTSKY, 2007, p. 97).

Em termos educacionais, a ação do professor na ZDP impactaria na aprendizagem do estudante favorecendo que este tenha condições de realizar operações mais complexas. A esse respeito, para Lucci (2006) os processos de desenvolvimento que o estudante interiorizar serão provenientes das interações sociais, e se tornarão, em etapas, aprendizagens no primeiro nível de desenvolvimento da criança, havendo interiorização nas próximas etapas de aprendizagem. Considerando que a aprendizagem é um processo ativo, o professor tem a função de mediar os conteúdos relacionando-os em sua didática com o mundo material dos estudantes.

A partir de sua realidade objetiva, a professora Stacey, representante da cultura erudita idealiza o estudante que espera encontrar na *Escola Sem Nome*, ao que se surpreende com o tamanho da vulnerabilidade social em que os mesmos se encontram. Mesmo assim, desconsidera a cultura popular do repertório dos estudantes impondo os conteúdos conforme previsto no planejamento de forma pouco dialética. Assim, os conhecimentos prévios dos estudantes são ignorados e a professora se torna a única fonte provedora de conhecimentos válidos e reconhecidos socioculturalmente.

O objeto de nosso estudo, o filme *Beyond the Blackboard* (2011), sobre o qual abordamos na próxima seção, apresenta a dimensão do capital cultural nas interações que acontecem na sala de aula da protagonista Stacey Bess. A professora atua como uma mediadora do conhecimento científico, ou seja, seleciona e viabiliza o acesso didatizado aos aspectos culturais produzidos pela humanidade, estes que são materializados nas diferentes áreas do conhecimento escolar.

O enredo de *Beyond the Blackboard*

O filme “Além da sala de aula” (*Beyond the Blackboard* - 2011) é um drama dirigido por Jeff Bleckner, protagonizado por Emily VanCamp, que interpreta a professora Stacey Bess. A professora novata aceita o desafio de atuar em uma escola peculiar e improvisada que atende crianças e jovens em situação de transitoriedade. A escola na verdade é um abrigo que acolhe famílias e suas crianças em situação de vulnerabilidade social e, devido a questões burocráticas, estão impedidas de frequentarem a escola regular ou integrarem programas sociais.

Neste abrigo, localizado às margens de uma estação de trem na cidade de *Salt Lake City* nos Estados Unidos, as famílias encontram orientação de assistentes sociais,

alimentação, hospedagem, além de apoio pedagógico para as crianças em forma de aulas em turma multisseriada. A provisoriedade e o descaso do Estado com aquelas famílias se refletem, inclusive, no anonimato da escola, já que o próprio Departamento de Educação se refere à ela como Escola sem nome. Estas crianças passam a integrar a turma da professora Stacey Bess, e vivenciam um contexto familiar e social diferente do contexto de origem da professora. Convivendo com o alcoolismo, o desemprego, a insegurança alimentar e emocional e, mesmo diante das condições precárias de funcionamento do abrigo, a sala de aula de Stacey Bess mantém os 13 (treze) estudantes do início ao fim da narrativa.

Figura 01



Fonte: Beyond the Blackboard (2011)

Fora do trabalho, a professora desfruta de uma casa confortável ao lado de sua família afetuosa e compreensiva. Como é comum nos filmes sobre a profissão, as protagonistas tendem a assumir a identidade de professora como identidade principal que as definem, mas não raro, há também o atravessamento da identidade de mãe.

A esse respeito, Penha e Albuquerque (2019), asseveram que a imagem heróica de professores construída pelo cinema se mostra um padrão seguido independente do gênero do filme: “Não se confunde, dessa forma, com uma ‘missão’, mas se define como uma atividade fundamental para o progresso social, não pretendendo, contudo, descaracterizar-se enquanto profissão” (PENHA; ALBUQUERQUE; 2019, p. 7). Diante disso, o professor não deve distanciar-se do seu trabalho enquanto profissão, e não a confundir com um sacerdócio. No entanto, enquanto Stacey leva muito dos assuntos

profissionais para casa, ela também leva seus traços maternos para o abrigo, onde ajuda uma estudante a arrumar seu cabelo e dá conselhos para outro.

A casa da professora Stacey Bess aparenta pertencer à classe média, e seu marido Greg Bess (interpretado por Steve Talley) aparece realizando atividades domésticas e se o mesmo tem uma profissão esta não é explicitada. As realidades vivenciadas por Stacey e seus estudantes são opostas, principalmente quando na cena em que a professora faz sua apresentação na primeira aula desconsidera o contexto sociocultural dos estudantes, exibindo para a turma, em seu primeiro contato, o álbum pessoal de fotografias das viagens realizadas por sua família durante as férias.

Logo no início do filme, quando Stacey participa da reunião com o Diretor de pessoal Ross, descobre que suas aulas serão em uma escola que funciona nas instalações de um abrigo para pessoas em trânsito. Segundo Ross, a escola existe como uma ação da organização que administra os abrigos para atender às famílias e as crianças que estão com documentação incompleta como caderneta de vacinação e não possuem moradia fixa. A *Escola Sem Nome*, como é identificada a escola de Bess, atua como um porto de passagem para as pessoas que se encontram provisoriamente sem-teto.

O filme apresenta uma escola improvisada que funciona em um abrigo para pessoas excluídas da sociedade, ou seja, estão na camada mais baixa do sistema capitalista. Este sistema burguês exige que o trabalhador venda a sua mão de obra, mas ao não ter emprego se tornam mais vulneráveis e reféns do sistema capitalista, que tem por base o trabalho. Assim sendo, são poucas as alternativas que fazem o excluído resistir na sociedade capitalista, uma delas é o assistencialismo que, no filme em análise, aparece na forma da *Escola Sem Nome*.

No caso da obra, as pessoas que moram no abrigo estão desempregadas, o que os deixa excluídos de quaisquer tipos de assistência direta por parte do governo, e a falta de documentos faz com que pais ou mães não tenham como matricular seus filhos e filhas em escolas regulares. As famílias que frequentam o abrigo estão à margem da rede de proteção do Estado, por isso podem ser consideradas excluídas que dependem das aulas da *Escola Sem Nome* para a continuidade dos estudos de suas crianças.

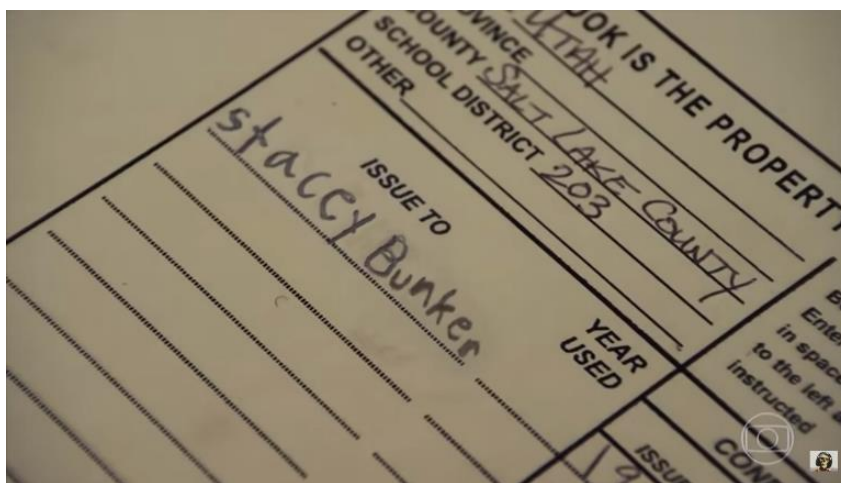
Mesmo com aspectos sociais latentes que poderiam desencadear discussões sobre a presença ou não do Estado na vida deste grupo de famílias, o filme opta por narrar a jornada pessoal da professora Stacey. Baseado em fatos reais, *Beyond the Blackboard*, conta a história de uma jovem estudante que almejava ser professora, mas que devido à

gravidez na adolescência teve seus planos adiados. Casa e mãe de dois filhos tem a oportunidade de ingressar na profissão, e o faz tendo como referência o modelo de escola que conheceu em sua trajetória escolar.

A cultura na prática pedagógica

A turma da professora Stacey é multisseriada, por isso, há estudantes de diferentes idades e níveis de escolarização no mesmo espaço. Os conteúdos ensinados, a princípio são os mesmos, mas conforme a narrativa avança, a professora atende individualmente os estudantes. Uma das razões pelas quais este filme foi selecionado é o fato de apresentar uma protagonista feminina que atua em uma escola improvisada. A professora Stacey é apresentada ao espectador como uma aspirante à docente conforme ilustrado na cena em que quando estudante, tinha apreço pelos estudos, pela leitura e pela escola.

Figura 02



Fonte: Beyond the Blackboard (2011).

Trata-se da cena introdutória em *flashback* (0:21s), em que a personagem nos é apresentada ainda no tempo de infância e aspirava ser professora. O filme mostra a futura professora conseguindo um emprego após se formar muito jovem, mesmo com todas as adversidades que encontrou na gravidez, que não é uma trajetória fácil para uma mulher. Durante o longa, Stacey descobre que está grávida de seu terceiro filho, o que parece não atrapalhar sua prática e seus planos.

Figura 03



Fonte: Beyond the Blackboard (2011).

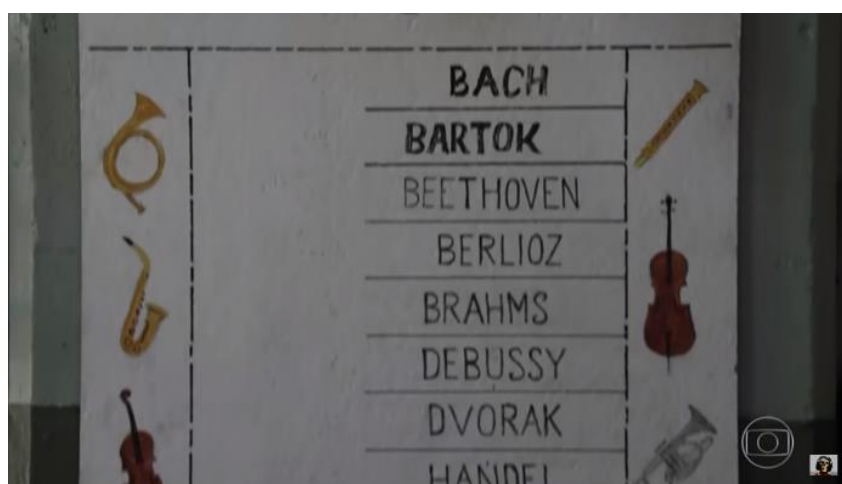
Em outra cena importante (25:55), a professora decide, por conta própria, fazer uma reforma em sua sala de aula nada convencional. Além de custear a compra de tintas para a reforma, também pinta a sala de aula com cores vibrantes e alegres. A professora consegue o apoio de um artista morador do abrigo que a auxilia na decoração das paredes da sala, além disso, Stacey custeia a compra de lanches e demais materiais que são utilizados com a turma. Coincidentemente, a professora obtém êxito em todas as suas ações, desde móveis novos obtidos por doação do Departamento de Educação e até a cooperação das famílias dos estudantes na organização e manutenção do espaço reformado.

Segundo Dermeval Saviani (2014), a escola, junto com o caráter contratual da sociedade capitalista faz da tecnologia da escrita o registro de documentos e de sua rotina. “Como a linguagem escrita não é uma linguagem espontânea, mas codificada, formal, ela precisa de processos também formais para sua aquisição” (SAVIANI, 2014. p. 31). Este contexto levou a escola a desempenhar papel central na sociedade capitalista junto com as indústrias e as cidades, transformando o saber, dentro deste sistema, em um meio de produção à serviço do capital privado. Por conseguinte, o acesso da população geral à educação é dificultado pela estratificação da sociedade, resultado do distanciamento da escola criada para a burguesia e da escola disponível para o proletariado. Segundo Saviani (2014, p. 27-28):

Então fica evidente que hoje nós não podemos mais falar em educação sem recorrer à escola. Isso significa que nós podemos compreender a escola sem recorrer ao conceito de educação, mas não podemos mais compreender a educação sem recorrer ao conceito de escola.

Em *Beyond the Blackboard*, a professora Stacey tenta construir um ambiente amistoso para a aprendizagem, o faz com base em suas referências do que a escola significou em sua infância. Para a protagonista, a educação só pode ser realizada se for seguido um modelo único e, aparentemente, imutável de educação.

Figura 04



Fonte: *Beyond the Blackboard* (2011).

Em outro momento da obra (37:12), Stacey inicia o conteúdo de Artes. Pedagogicamente, a professora considera que os nomes e obras de alguns dos compositores da música clássica precisam estar presentes no rol dos conteúdos aprendidos por seus estudantes. Este é um momento do filme em que se torna evidente que a cultura erudita legitimada como valorizada se sobrepõe aos conhecimentos culturais dos próprios estudantes. Na prática da professora não há espaço para o levantamento e valorização da cultura popular dos estudantes, fazendo-se valer os conteúdos do programa como os únicos a circularem na sala de aula.

No que se refere à cultura erudita e o papel da arte na educação, conforme Bourdieu (2003), se uma determinada obra é classificada como produção estética, e o estudante demonstrar familiaridade com a mesma, possivelmente terá seu êxito escolar visto que compartilha dos mesmos referenciais culturais. “Em todos os domínios da cultura, teatro, música, pintura, jazz, cinema, os conhecimentos dos estudantes são tão

mais ricos e extensos quanto mais elevada é sua origem social” (BOURDIEU, 2003, p. 45).

Ainda segundo Bourdieu, o conceito de “capital cultural” evidencia como o ambiente no qual o estudante está inserido fora da escola pode influenciar, positiva ou negativamente, o seu desempenho escolar. Nesta lógica, crescer em meio a fontes de conhecimento variadas e ter acesso a conhecimentos artísticos eruditos prepararia os estudantes para a cultura escolar. De igual modo, em não havendo familiaridade com a cultura escolar devido ao distanciamento dos referentes culturais próprios de sua prática social, o estudante poderá enfrentar dificuldades na apropriação dos novos conteúdos. Para Vygotsky (2007), todo sujeito se constrói por meio das interações com sua realidade objetiva, estabelecendo relações e construindo repertórios culturais de acordo com sua história.

Em outra cena do filme, Stacey oferece ajuda para o pai de sua estudante Maria, que está passando por problemas com alcoolismo e foi expulso do abrigo. Como única alternativa encontrada pela professora, acolhe a estudante em sua casa até que o pai consiga resolver seus problemas. Na cena em questão, observamos Maria já integrada e à vontade com a família da professora, esta que acolhe a nova integrante de forma gentil. Stacey grávida de seu terceiro filho passa a cuidar temporariamente de sua estudante.

Contudo, o desenvolvimento dessa relação não é explorado em detalhes ao longo do filme, tendo como momentos de destaque, após esta cena, somente o reencontro da estudante com seu pai que parece ter resolvido seu problema com alcoolismo. O filme trata, de forma superficial, vários subtemas relacionados à docência de uma professora com pouca experiência, porém, o enredo não se aprofunda em nenhum deles, pois parece enfatizar a jornada pessoal Stacey.

Figura 05



Fonte: Beyond the Blackboard (2011).

Na cena (1:01:46), a professora Stacey, ao se dirigir a Danny que ela chama de “líder”, promete entregar uma lista de livros para o mesmo ler. Na referida cena, aparece de novo a imposição de uma cultura sobre outra, ou seja, a cultura escolar como representativa da cultura erudita. Ao invés de Stacey lecionar a Danny conteúdos significativos para o contexto do estudante e de acolher os repertórios que Danny já tinha como ponto de partida para suas aulas, Stacey implementou o currículo preestabelecido. Bourdieu fala sobre a língua escolar, cujo domínio pelo estudante pode significar uma maior facilidade em sua trajetória na escola. Tal língua escolar seria de maior familiaridade para os estudantes que vêm de uma classe social mais favorecida. O favorecimento desse tipo de linguagem estaria relacionado com a sua significativa complexidade de sistema de categorias, que ajudaria na compreensão de estruturas e pensamentos mais complexos dentro da escola (BOURDIEU, 2003).

No caso do filme, a ação da professora não evidencia uma interação de empatia entre professor e estudante, visto que o primeiro tenta trazer o segundo para a sua realidade cultural, sem pensar na do estudante. Ao final da narrativa, a estudante Maria declara, a exemplo de Stacey, pessoa que ela admite ser sua inspiração, que também deseja ser professora. O clima é de despedida, já que a estudante está em outra escola e o filme entrega um diálogo de saudade e esperança de um reencontro.

A obra evidencia que a professora manteve o controle da turma sem muito esforço, visto que os estudantes não esboçaram resistência com os conteúdos ou metodologia adotados pela professora. A trajetória de Stacey Bess, junto com a inspiração que cultivou

em Maria, romantiza toda uma profissão que é acompanhada de arduidade na vida fora dos cinemas. Baladeli e Costa (2021), escrevem, sobre o assunto e asseveram que:

A romantização da figura do professor salvador, encapsula e romantiza a profissão, escamoteando as idiosincrasias inerentes à educação. Além disso, atribui e personifica no professor a capacidade de solucionar todo e qualquer problema vivenciado pelos estudantes oriundos das classes populares, por meio de estratégias questionáveis de ensino, que visam a instituição de novos comportamentos. (BALADELI; COSTA, 2021, p.55).

Dessa forma, é possível perceber como a indústria cinematográfica dá os contornos necessários às representações de docência que melhor exprimem a lógica de *Hollywood*, nos apresentando protagonistas idealizadas com capacidade de resolver os problemas causados por uma estrutura da qual elas na realidade não poderiam alterar por si mesmas.

Considerações finais

O objetivo deste estudo foi analisar o papel da cultura na prática pedagógica da protagonista do filme *Beyond the Blackboard* (2011). Por meio de uma pesquisa bibliográfica sobre narrativas fílmicas que retratam a docência foi possível identificar alguns padrões estereotipados sobre o papel do professor. O estudo demonstrou que, nas escolas apresentadas nos filmes ocidentais, que são direcionadas à classe mais pobre da sociedade capitalista e que, também tendem a ser demonstradas como problemáticas, é preciso a chegada de um professor ou professora, geralmente novatos, para realizar o resgate de pessoas desprovidas da cultura da minoria. Para essas obras, é necessário que o branco demonstre aos mais desfavorecidos a cultura branca, que é considerada como a mais válida dentro da sociedade capitalista (BALADELI, COSTA, 2021).

As interações dos estudantes com os conteúdos da aula de Stacey evidenciam conhecimentos culturais distintos. A *Escola Sem Nome*, cenário do filme em estudo, ainda que improvisada, representa uma agência de letramento, ou seja, de espaço legítimo de circulação da cultura escolar e erudita.

A partir dos conceitos de educação de Pierre Bourdieu e a teoria Histórico-Cultural de Lev Vygotsky, problematizamos como uma cultura se sobrepõe a outra na vivência da sala de aula, além de compreender como a cultura se insere no

desenvolvimento de cada sujeito, principalmente com o estudo da teoria vygotskyana, em que o sujeito histórico-cultural mantém uma relação mediadora com as representações simbólicas, ajudando-o na internalização dos significados do mundo. Excluídos da cultura da minoria da sociedade capitalista e inibidos de compartilharem os seus próprios repertórios culturais em sala de aula, os estudantes da *Escola Sem Nome* caracterizam-se como os excluídos de uma lógica desigual que também se mantém em sala de aula.

Referências

ALÉM DA SALA DE AULA. Direção de Jeff Bleckner. Hallmark Hall Of Fame Productions, 2011. (100 min.), P&B.

BALADELI, Ana P.D.; COSTA, Rinaldo V. O retrato de professores de Língua Inglesa: por uma leitura decolonial do cinema. **Revista de Letras Juçara**, Caxias, MA, v.5, n.2, 45-61, 2021.

BOURDIEU, Pierre. **A escola conservadora:** as desigualdades frente à escola e à cultura. In: *Escritos de Educação*, Petrópolis: Vozes, 2003, p. 41-64.

CHAMPANGNATTE, Dostoiowski M. O. A professora heroína no filme *Verônica*: endereçamento, identificação e conformismo social. **Revista do Centro de Educação**, v. 41, n. 3, p. 1-8, 2016.

FERREIRA, Susana C. **Professores e professoras nos filmes:** histórias e papéis sociais. *Práxis Educativa*, v. 4, n. 1, p. 85-96, 2009.

LUCCI, Marcos A. A proposta de Vygotsky: a psicologia sócio-histórica. **Revista de Currículo y Formación del Profesorado**, São Paulo, p. 1-11, 2006.

PENHA, Gabriel P.; ALBUQUERQUE, Luiz B. **Ensinar é missão? Reflexões acerca da representação social da profissão docente no filme tudo que aprendemos juntos.** *Anais do VI CONEDU*, v.1, Campina Grande: Realize Editora, 2020. p. 1684-1698. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/65388>>. Acesso em: 28/09/2022.

SAVIANI, Dermeval. **A pedagogia histórico-crítica.** *Revista RBBA: Revista Binacional Brasil Argentina*, Vitória da Conquista, v. 3, n. 2, p. 11-36, dez. 2014.

TRIER, James D. The cinematic representation of the personal and Professional lives of teachers. *Teacher Education Quarterly*. Summer, 2001. p.127-142. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/23478308>> Acesso em 25 fev. 2023.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente.** 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.